

The background is an abstract composition of layered textures. On the right side, there are vertical, wavy lines in various shades of blue, ranging from light sky blue to deep navy. On the left side, there are more chaotic, fibrous textures in brown, tan, and white, resembling wood grain or tangled fibers. A solid black diagonal band cuts across the center of the image, serving as a backdrop for the text.

Estéticas

em Trânsito

Realização:

Apoio:



11º COLÓQUIO DE ARTE E PESQUISA DOS
ALUNOS DO PPGA DA UFES

BRASILIDADES

RAÍZES CULTURAIS E CAMINHOS PARA O FUTURO



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Ciência, Tecnologia,
Inovação e Educação Profissional



© 2025 RIZOMA-ESCRITA
SELO EDITORIAL
INDEPENDENTE
VITÓRIA, ES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estéticas em trânsito [livro eletrônico] /
organização Luciano Tasso , João Cóser. – 1.
ed. — Vitória, ES : Editora Rizoma-escrita, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-987850-1-7

1. Artes visuais – Exposições – Catálogos
I. Tasso, Luciano. II. Cóser, João.

25-294705.0

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Organização

Luciano Tasso, João Cóser

**Projeto gráfico, diagramação e
editoração eletrônica**

Luciano Tasso

Imagem capa

Marcelo Gandini, *Coração do
mar*, 2004, desenho com caneta
retro-projetor sobre base
fotográfica, 20x40cm.
Registro de Paula Barbosa

Fotografias

Paula Barbosa

Textos

Larissa Zanin, Stela Maris
Sanmartin, José Cirillo, Cláudia
França, Michele Medina, João
Cóser, Paula Barbosa, Sarah
Rodrigues Damiani, João Victor
Chequetto, Samuel de Oliveira
Costa

Revisão textual

Iasmim Dala

Ficha catalográfica

Aline Graziele Benitez

Notas dos organizadores: os textos são de
total direito e responsabilidade de seus
autores. A reprodução de imagens nesta
obra tem caráter pedagógico e científico,
amparada pelos limites do direito de autor,
de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III.

Estéticas em Trânsito

22 abril • 21 maio
Vitória 2025

Curadoria

João Cóser, Michele Medina

Expografia

João Cóser, Michele Medina

Montagem

André Magnago

Design

Luciano Tasso, Natacha de
Souza, Thaíssa Dillý

Comunicação

Natacha de Souza, Jaqueline
Torquatro de Oliveira

Fotografia

Paula Barbosa

Educativo

Paula Barbosa, Sarah Rodrigues
Damiani

Assessoria de comunicação

Giuliano de Miranda

Programa público

Organização XI COLARTES

Roda de conversa

João Cóser, Cláudia França,
Natacha de Souza, Rosely Kumm,
Fabíola Menezes

Apresentação musical

João Victor Chequetto, Samuel
de Oliveira Costa

Galeria de Arte e Pesquisa:

Cláudia França – *Coordenadora*

Yiftah Peled – *Vice-coordenador*

Cássia Aguilar – *Administrativo*

Vinicius Langa – *Produtor
Cultural*

Eliel Juliani – *Bolsista PAEPE*

Renzo Villa de Lima – *Bolsista
PIBEX*

Artistas

Alegria Falconi

José Henrique Rodrigues

Amanda Amaral

Jovani Dala

Ana Gonçalves

Lindomberto Ferreira Alves

André Magnago

Luciano Tasso

Coletivo FURTACOR

Marcelo Gandini

Deborah Amoreira

Romelho Contreiro

Douglas Gomes Silva

Rosely Kumm

Gabriel Guerra, Eduardo Borém
e Natacha de Souza

Sarah Rodrigues Damiani

Geisa da Silva

Stela Maris Sanmartin

Iasmim Dala

Vivian Siqueira

Inara Novaes

João Cóser

[illegible]

Bem-vindos ao catálogo da exposição “Estéticas em Trânsito”, um projeto que celebra a culminância de uma jornada de pesquisa e criação no contexto do XI Colóquio de Artes Visuais (Colartes), evento do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Realizada na Galeria de Arte e Pesquisa em 2025, esta mostra não é um apêndice do evento principal, mas sim um componente essencial que materializa a interseção entre teoria e prática na pesquisa em arte.

A exposição “Estéticas em Trânsito” destaca a produção artística como uma forma de pesquisa em si mesma. Em um ambiente acadêmico de Pós-Graduação em Artes, a criação não é um processo isolado, é um método de investigação que dialoga diretamente com as inquietações teóricas e metodológicas de cada pesquisador. As obras apresentadas configuram o resultado de uma pesquisa profunda, na qual a experimentação de materiais e a exploração de conceitos se unem para gerar novos conhecimentos e perspectivas sobre os processos de hibridização cultural na arte contemporânea.

Cada trabalho em exibição explorou os múltiplos caminhos da hibridização, incorporando-a como uma força crítica e criativa. Seja na apropriação e ressignificação de signos culturais, na fusão de materiais e linguagens, ou na sobreposição de tempos e territórios, as obras refletem uma estética em trânsito. O título da exposição, portanto, evoca a ideia de que a arte, ao cruzar fronteiras culturais e disciplinares, permanece em constante movimento, provocando novas reflexões e questionamentos.

Ao percorrer estas páginas, convidamos você a testemunhar a riqueza da pesquisa em arte, que se manifesta não apenas em teses e dissertações, mas também na potência transformadora da obra de arte. Este catálogo é um convite para refletir sobre como a hibridização molda a nossa percepção do mundo e como a arte contemporânea se torna um terreno fértil para essa exploração.

Larissa Zanin
Diretora do Centro de Artes

O COLARTES, tradicional evento do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo, é um colóquio anual, criado em 2014, organizado pelos discentes para compartilhamento das pesquisas em andamento ou concluídas.

Tem como finalidade dar visibilidade aos estudos, pesquisas e produções bibliográficas e artísticas dos mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, egressos e alunos de iniciação científica ligados a projetos de pesquisa de professores do PPGA/UFES.

Faz parte do evento a organização de uma exposição na Galeria de Arte e Pesquisa GAP/UFES que tem como objetivo central incentivar a produção artística oriunda da pesquisa acadêmica e conectá-la ao circuito de arte contemporânea nos âmbitos regional, nacional e internacional.

Nesta XI edição denominada BRASILIDADES: RAÍZES CULTURAIS E CAMINHOS PARA O FUTURO, os organizadores Luciano Tasso e Gabriel Guerra contextualizam o mundo com o sentido de urgência e aceleração contemporânea que impõe questões para repensarmos o Brasil que queremos para o futuro. Trazem, para a pauta do evento, a complexa pluralidade cultural dos vários sujeitos, em busca de uma identidade que se caracterize pelos modos de ser, pensar e agir que reivindicam democracia racial, alteridade e respeito às diferenças

que estruturam nossa condição enquanto povo. Nesse sentido, torna-se evidente que a concepção de “brasilidades” só é possível de forma coerente no plural, nos convidando a pensar múltiplas brasilidades possíveis. Este colóquio nos convida à reflexão sobre o que se apresenta alheio à nossa natureza e evoca ações de ruptura das estruturas como caminho essencial para revermos aquilo que nos constitui como pensadores e criadores autônomos.

No âmbito da produção artística de nossos discentes, identidades diversas buscam expressar suas singularidades em formas e conteúdos diversos. Tal heterogeneidade identitária propicia a eclosão de práticas culturais complexas, as quais reverberam nas poéticas desenvolvidas por artistas – em toda sua pluralidade de raça e gênero – que intentam corporificar saberes e fazeres tradicionais. Sob esse viés, estabelecer uma conexão com a ancestralidade é essencial para obter uma compreensão mais aprofundada das subjetividades artísticas que herdamos. Dialogar com as nossas raízes epistêmicas significa, longe de nos orientar por aquilo que é obsoleto, reatar laços ético-estético-políticos com nossas origens, restituindo a memória como um direito inalienável.

Todos esses elementos se interseccionam em um panorama intrincado apresentado pelos discentes nesta 11ª Edição do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA da UFES (COLARTES) – Brasilidades: raízes culturais e

caminhos para o futuro nos convocando a questionar: Que brasilidades nos constituem? Quais os caminhos trilhados por aquelas e aqueles que nos antecederam? Quais potenciais caminhos podemos nos enveredar?

De que forma podemos acessá-los? Atualmente, quais ferramentas potenciais dispomos para tal e quais suas possibilidades criativas? E, em tempo, como aliar a memória às nossas perspectivas de arte futuras no Brasil?

Para a mostra das pesquisas em arte realizadas pelos discentes os organizadores propuseram aos artistas explorar os múltiplos caminhos da hibridização cultural na arte contemporânea. A exposição Estéticas em Trânsito parte do conceito de culturas híbridas, desenvolvido por Néstor García Canclini, para explorar como os processos de fusão cultural – impulsionados por migrações, globalização e interculturalidade – tensionam as fronteiras da identidade e da criação artística.

No Brasil, país atravessado por processos coloniais, a dinâmica de entrelaçamento entre tradições culturais e modernidades se reflete na confluência de matrizes indígenas, africanas e europeias,

resultando em expressões artísticas marcadas pela sobreposição de referências, pela ressignificação de símbolos e pela construção de novas narrativas visuais e sonoras.

Em um cenário global, no qual fronteiras ideológicas e simbólicas se tornam cada vez mais rígidas, a arte surge como um possível espaço de resistência, deslocamento e reinvenção. A partir dessa perspectiva,

Estéticas em Trânsito busca reunir trabalhos que incorporem a hibridização como força crítica e criativa, seja na apropriação e ressignificação de signos culturais, na fusão de materiais e linguagens, ou na sobreposição de tempos e territórios.

Foram acolhidas propostas que investigam cruzamentos culturais por meio de diferentes suportes poéticos – pintura, escultura, fotografia, vídeo, instalação, performance e novas mídias – ampliando o entendimento das brasilidades como campo de experimentação e de múltiplos pertencimentos.

Mais do que representar encontros culturais, esta edição do COLARTES deseja ativar diálogos e fricções entre estéticas, imaginários e histórias que (des)constroem a ideia de identidade fixa, afirmando a hibridização como pulsão transformadora.

Stela Maris Sanmartin

José Cirillo

Coordenadores do PPGA/UFES

Com grata satisfação a Galeria de Arte e Pesquisa – GAP, abrigou, pelo período de 22 de abril a 21 de maio de 2025, a exposição coletiva “Estéticas em trânsito”. Enquanto o Colóquio já completa pouco mais de uma década, apresentando as pesquisas correntes de mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES, novas inserções têm mostrado o amadurecimento de sua proposta e ações.

Uma delas, a inclusão de doutorandos do programa, já na segunda turma. É um aspecto que demonstra a capacidade de reverberação de pesquisas, pois, alguns mestrando das primeiras leva possuem a chance de continuidade investigativa em outro nível.

Estudantes de doutorado que participam do Colóquio podem fazer um movimento retrospectivo das edições anteriores e dos próprios desempenhos como mestrandos, naqueles momentos. Estudantes recentemente ingressos e mesmo aqueles em fase de finalização de suas pesquisas em mestrado podem olhar para a frente, vislumbrando possibilidades de aprofundamento para novos objetos de estudo, coparticipações, estágios fora da Universidade – ações que só fazem consolidar o papel do Colóquio de Arte e Pesquisa como elemento agregador de subjetividades e de saberes.

Outra ação recentemente incluída na programação do Colóquio é a exposição coletiva na Galeria de Arte e Pesquisa. Trata-se de um processo em amadurecimento, seja do conjunto exposto, seja da pré e pós-produção da mostra. A exposição coletiva do Colartes tende a compor o cronograma de exposições fixas da GAP.

Propor a realização de uma exposição coletiva integrante do Colóquio revela uma “virada de chave” do Programa de Pós-Graduação, ao reconhecer a importância da pesquisa em arte como produção de conhecimento. Não apenas se expõem trabalhos e experimentações artísticas – são pensamentos visuais ativos que perfilam preocupações bem perceptíveis nesta edição: práticas colaborativas, identidades, subjetividades em diálogo, subversões a técnicas consagradas e a problematização do ensino de arte.

Talvez tenha sido este o mote para o título da mostra: Estéticas em trânsito. Trânsito implica transicionalidade e transversalidade. Pelo transversal, a Galeria tornou-se o lugar pelo que atravessam diversas materialidades e visualidades. Em ação espelhada, sendo um “ponto de fuga” para o qual convergem as linhas de força, o espelhamento torna o ponto de fuga também o ponto de dispersão, por conta das diferenças intrínsecas a cada campo e a cada poética materializada

em trabalho. Nesse convergir e despedir, a própria arquitetura constrói diálogos entre unidades de vizinhança; ecos de um trabalho em outro, do outro lado da galeria – isto nos faz transitar para além do percurso comum que é seguir o perímetro, acompanhar as paredes. Passamos a ser, nós mesmos, as linhas atravessadoras que se dirigem a trabalhos-pontos, uma costura invisível que trama um tema, uma vivência, uma sociabilidade no espaço-tempo.

Quanto à transicionalidade, vemos o movimento de amadurecimento da mostra, desde seu início, há 2 anos, rumo a outro patamar.

Entendemos a transicionalidade como a passagem infinitesimal de um estado a outro – matéria, fazer, intencionalidade, técnica, qualquer que seja o objeto em transição. A transicionalidade diz respeito, pois, às diferenças entre a primeira vez e o agora; algo que pode ser percebido sutilmente entre um evento e outro, mas que ganha corpo por sua insistência e resistência em se mostrar mostrando.

No entanto, a transicionalidade revela também outro movimento: na crescente participação de artistas estudantes no programa, problematizando suas poéticas, de que modo a exposição coletiva poderia ser pensada como um elemento friccionador de um modelo instituído de pesquisa no campo da arte?

Esta é uma pergunta que abraço, por minha condição de artista, pesquisadora, professora e ora coordenadora da Galeria Arte e Pesquisa. Por este título feliz – Estéticas em Trânsito, que venham mais transversalidades e transicionalidades em nosso espaço expositivo.

Cláudia França

Coordenadora da Galeria de Arte e Pesquisa



Trânsito não é apenas deslocamento. É fricção, é suspensão, é o instante em que algo deixa de ser o que era sem ainda saber o que será. A exposição Estéticas em Trânsito emerge desse intervalo de incertezas férteis, onde o gesto artístico se descola de territórios fixos e percorre trajetos de mestiçagem, recombinação e invenção.

Em um momento histórico marcado por fronteiras que se fortalecem – ideológicas, geográficas, subjetivas – a arte afirma sua capacidade de desobedecer à rigidez, propondo formas de coexistência entre diferenças. Aqui, a brasilidade não se apresenta como essência ou identidade estável, mas como campo de experimentação sensível onde se cruzam memórias coloniais, resistências contemporâneas e fabulações do porvir.

Estéticas em Trânsito não se propõe a organizar uma representação de culturas, mas a abrir espaço para que os atravessamentos culturais, políticos e sensoriais se manifestem em sua potência crítica. As obras reunidas não cabem em categorias rígidas: são corpos-instalações, vídeos-imagens, gestos-escritas que atravessam suportes e línguas para reinscrever territórios de pertencimento e diferença.

Este trânsito estético também é metodológico: transpassa as disciplinas, corrompe os paradigmas de pureza, questiona os modelos hegemônicos de leitura. O hibridismo que atravessa a exposição não se limita à fusão de referências ou materiais; ele opera como linguagem, como atitude, como recusa à homogeneização das subjetividades. Cada trabalho convoca o espectador à escuta atenta dos ruídos entre culturas – uma escuta que reconhece o som do desvio, do erro, do deslocamento.

Habitar o trânsito é, também, estar exposto: ao outro, ao indizível, ao fragmento. É afirmar a estética como uma política do sensível, capaz de operar nos interstícios da vida social, revelando o que permanece invisível nos discursos oficiais. Se o Brasil é um território marcado por camadas de apagamento e reinvenção, então esta exposição propõe não um mapa, mas um movimento – um percurso descontínuo entre memórias, corpos e visões que resistem à fixação.

Estéticas em Trânsito não aponta um destino, mas insiste na travessia.

Michele Medina, João Cóser
Curadoria

Alegria Falconi

“Modulares do Tempo: Narrativas de Memória e Deslocamento” é uma proposta que visa expandir a compreensão sobre as identidades híbridas e os processos migratórios, por meio de uma obra sensível e interativa. Através do uso de materiais simbólicos e da participação ativa do público, o projeto cria um espaço de reflexão e engajamento, convidando cada espectador a explorar facetas do movimento, da resiliência e da desconstrução de identidade. Os Modulares do Tempo visam ilustrar a complexidade do processo migratório e suas dimensões simbólicas, como a separação, o tempo e a resiliência. Cada módulo representa não apenas uma mudança de espaço, mas também uma transformação interna e coletiva. Ao interagir com o objeto, o público será convidado a refletir sobre as trajetórias de deslocamento e como o tempo, o movimento e a memória moldam e reconfiguram a identidade.

A fotografia selecionada será uma imagem que encapsula a experiência do migrante, levando em consideração os elementos de ruptura, transição e reconstrução. A fotografia traz a temporalidade da jornada migratória, com foco nos processos de adaptação entre diferentes contextos culturais. Marcas do passado e a projeção do futuro, transmitindo a ideia de que o migrante, embora muitas vezes não se encaixe nos rótulos de “de aqui ou de lá”, carrega consigo uma história única que transcende as fronteiras e celebra as relações que ele constrói ao longo do caminho.

Modulares del tiempo

Ensamblagem, 28x8x8cm
2023





Amanda Amaral

Está cada vez mais difícil fingir que a pedra não existe (2024) trata-se de um díptico fotográfico impresso em tecido voal e se estabelece como uma obra que propõe a sobreposição de narrativas imagéticas e textuais, construindo uma experiência visual e literária que desafia os limites da percepção e da memória. O trabalho, produzido em 2024, foi gestado durante o trânsito entre as cidades de Vitória (ES), Bofete (SP) e São Paulo (SP), criando um jogo de fabulações sobre o que foi vivido e a imagem do registro afetivo. Dessa forma, concebe uma terceira imagem que surge no espaço-tempo das pausas e dos trajetos, entre os instantes vividos e os que se inscrevem na memória. A obra se articula a partir do deslocamento de uma cidade onde o mar inexistente, um espaço, ora de exterioridade, ora de interioridade, para retornar à reflexão sobre esse elemento ausente. O ato de escrever, então, se volta ao mar, não apenas como

um elemento físico, mas como um conceito em si, evocando o movimento da água, suas ondulações, e a relação que se estabelece entre o sujeito e a paisagem que não se vê, mas se sente. Nesse processo, a escrita e a imagem não são apenas representações de um espaço geográfico, mas, sobretudo, uma tentativa de dar forma àquilo que escapa ao registro imediato, àquilo que se move entre a memória e a afetividade.

Para a mostra “Estéticas em trânsito”, o díptico foi apresentado intencionando a circulação do público e a interação com a obra, figurando assim, um corredor entre as imagens.

Está cada vez mais difícil fingir que a pedra não existe

Impressão sobre tecido voal,
180x120cm Fotografia analógica
35mm, desenho digital e poesia.
2024

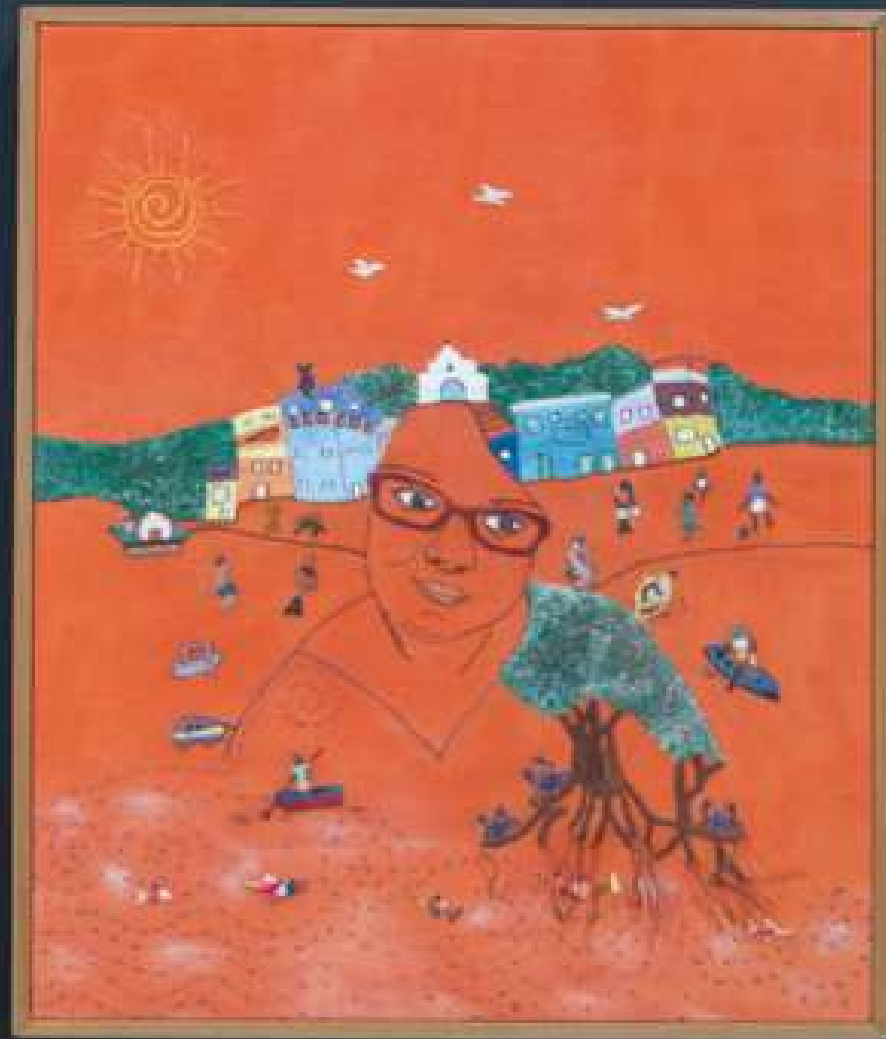
aberto, elas se assemelham a tentáculos de um animal que

também

transpira.

cientistas têm dificuldade para dizer, e isso porque descobriram recentemente, o
vos da morte de um polvo após o acasalamento. o tempo de vida deste animal varia
ante, alguns chegam a viver apenas seis meses e, no caso do polvo gigante, cinco
pendente do tempo de vida destes animais, as fêmeas se autodestroem pouco ante
são de sua ninhada. as mães polvas cuidam meticulosamente de seus ovos, vigian
ninho e o protegendo de predadores, até que, em um ato minucioso, iniciam seu
esso de autodestruição: vão então arrancando partes de seus tentáculos até que
lmente, perdem a cor e se transformam em um mórbido esqueleto no fundo do paci
minhas mãos e vejo-as em um comportamento repetitivo de alastramento: algo
ajoso que transpira, e, vai, pouco a pouco consumindo os objetos todos: o papel
ante, os guardanapos e o copo habitual da bebida argentina que só existe nas ru
a oeste. o mecanismo de autodestruição destes animais possui relação com suas

Ana Gonçalves



“CAPIXABAS” (2024), pintura em aquarela sobre linho com intervenções em bordado, com dimensões de 42 x 52 x 4 cm. A obra integra minha pesquisa artística voltada à construção de narrativas visuais autobiográficas, a partir da memória afetiva e das referências culturais do Espírito Santo, com ênfase em experiências da infância e da vivência comunitária. “CAPIXABAS” representa uma síntese simbólica de elementos que compõem o imaginário capixaba, a partir de uma perspectiva pessoal. A composição apresenta, entre outras imagens, o esboço do meu rosto, pescadores, congueiros, crianças brincando no manguezal, casinhas coloridas inspiradas no bairro da Ilha das Caieiras (Vitória-ES) e meninos mergulhando na maré. A escolha desses elementos visuais busca evidenciar práticas culturais e paisagens afetivas que formam o tecido social de minhas

vivências. A obra propõe um diálogo entre pintura e bordado, tensionando as fronteiras entre técnica tradicional e expressão contemporânea. O bordado, inserido sobre a superfície pictórica, atua como gesto de permanência, costurando fragmentos da memória e ampliando o potencial sensível da imagem. Minha produção artística parte de um compromisso com a valorização de identidades locais e de narrativas pessoais inseridas no circuito artístico. Ao trazer para o campo da arte contemporânea as referências visuais e afetivas da cultura capixaba, “CAPIXABAS” contribui para reflexões sobre pertencimento, território e memória no contexto da arte e da pesquisa.

Capixabas

42x52x4cm,
2024



André Magnago

Um díptico fotográfico e um objeto em gesso, ambos, registros de uma intervenção na paisagem empreendida na praia de Meáípe, Guarapari, em 2023. Juntos, ativam diversas linguagens, como gravura, escultura por fundição e por subtração, desenho, objeto, ação performática e fotografia. O conjunto emerge de um processo de criação originalmente centrado na gravura, mais especificamente no uso de matrizes cilíndricas na criação de xilogravura sobre papel. Sendo assim, as fotografias mostradas trazem o registro do serviço de impressão deslocado do ateliê de gravura e do suporte papel para a paisagem e a areia da praia. O objeto à direita das fotos serviu como matriz. Tal peça fundida em gesso e esculpida com formões é um testemunho concreto de uma intervenção na paisagem ou uma ação performática. Como pode ser observado, no canto superior esquerdo das fotografias

aparecem os braços do próprio artista, rolando sua matriz cilíndrica diretamente sobre a paisagem, indo ao encontro das ondas. O rastro deixado sobre a areia nos mostra animais entrelaçados uns nos outros. Tais figuras foram projetadas mediante uma técnica de desenho desenvolvida pelo artista; tal técnica calcula e viabiliza a produção de imbricações destas figuras ao redor do sólido geométrico em questão, o cilindro.

Rastro #2

díptico fotográfico, 65x45cm
(cada)
Registro de intervenção na praia
de Meáípe, Guarapari/ES
2023



11
12



13
14



Coletivo Furtacor

O trabalho é fruto da imersão na Residência Artística Online F(r)icções: experiências de fronteiras, realizada em 2021 pelo núcleo Intervalo – Fórum de Arte (PPGAV-UFBA), em parceria com o Goethe-Institut Salvador/BA. Consiste em um vídeo experimental e um caderno de artista, criados a partir de fragmentos processuais das investigações desenvolvidas pelos artistas residentes.

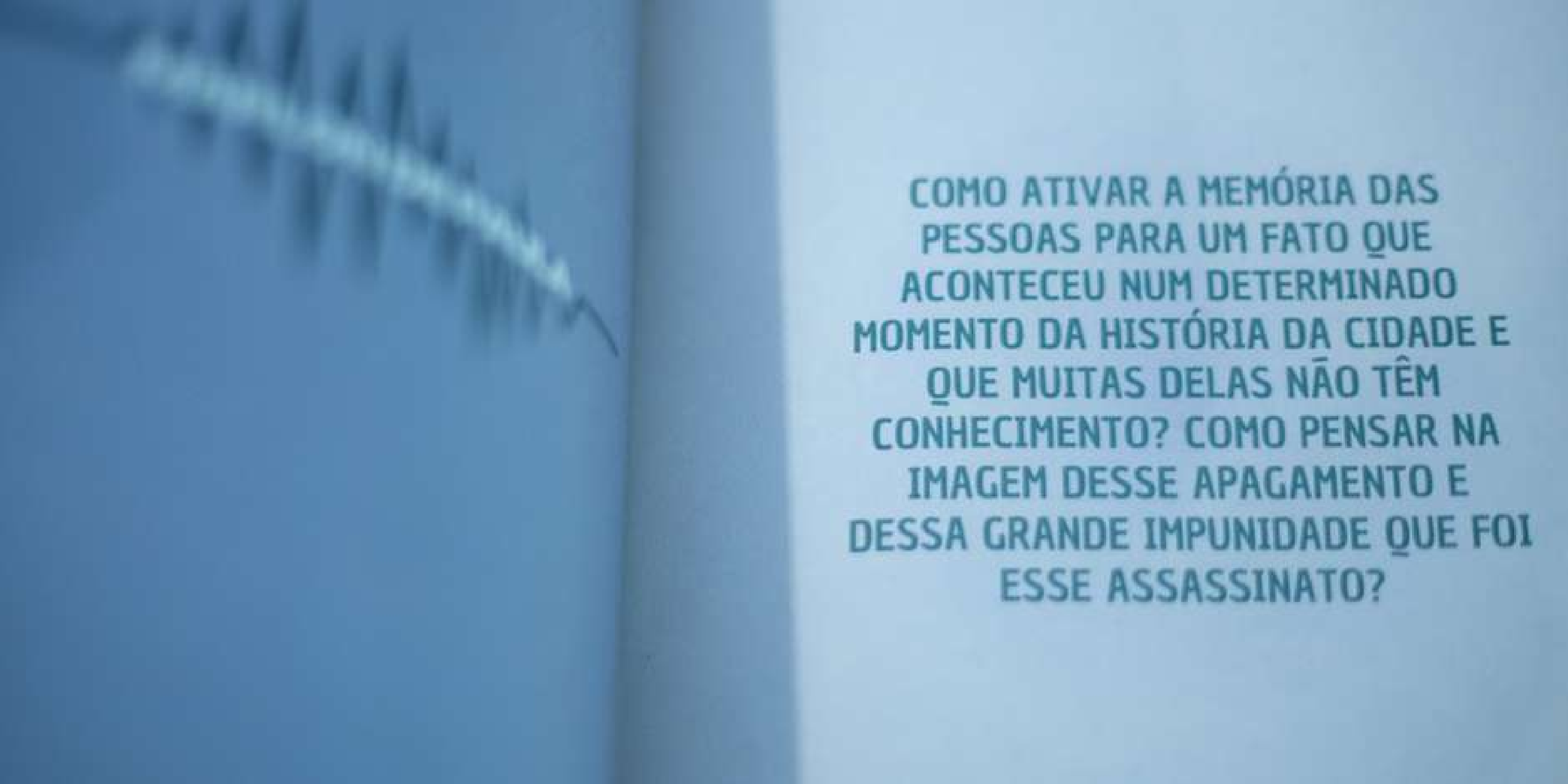
O vídeo e o caderno de artista utilizam imagens, áudios e anotações processuais como mídias, operando-os como dispositivos de ampliação de sentidos das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de artistas nesse contexto. A partir dos registros mobilizados por seus próprios autores, emergem índices fragmentários que, ao mesmo tempo, preservam no tempo a memória das circunstâncias de produção e expandem as questões, conteúdos e intencionalidades que as motivaram. Não se buscou reinscrever o passado

dos processos vividos por cada artista para atestar o que foi, mas sim convidar o público a acessar e a sondar as possibilidades de futuro que deles se desdobram, ampliando o campo de compreensão das obras que deles derivaram.

A primeira exibição do trabalho ocorreu em abril de 2022, na Exposição Coletiva Fronteiras & Ficções, na Galeria Cañizares – EBA/UFBA, em Salvador/BA, com curadoria de Ines Linke, Lia Krucken e Laura Benevides, integrando a programação de encerramento da residência.

Tudo o que não cabe aqui

Vídeo + Caderno de Artista,
Dispositivo Portátil, Dimensões
Variáveis, Duração vídeo: 14'15".
Impressão digital colorida,
14,8X21cm, 40 páginas.
2022



COMO ATIVAR A MEMÓRIA DAS
PESSOAS PARA UM FATO QUE
ACONTECEU NUM DETERMINADO
MOMENTO DA HISTÓRIA DA CIDADE E
QUE MUITAS DELAS NÃO TÊM
CONHECIMENTO? COMO PENSAR NA
IMAGEM DESSE APAGAMENTO E
DESSA GRANDE IMPUNIDADE QUE FOI
ESSE ASSASSINATO?

Deborah Amoreira



Menino com Flores II é uma obra que se ramifica de “Menino com flores (inspirado em Ticumbi)” que foi uma arte produzida em 2019 de forma digital e escolhida para ser capa do álbum “No reino dos afetos II” de Bruno Berle. Essa imagem se esparrama da minha mente, atando aspectos do sensível da minha construção plástica com a temática escolhida, uma cena de cortejo de Ticumbi. O trabalho nos induz a pensar na suspensão do tempo que cintila por baixo dos cílios do personagem, e se encerra numa prece, ou uma imobilidade total que é característica intrínseca da pintura. Tudo se debruça sobre o tempo e suas qualidades – o tempo do cortejo, o tempo do atravessamento do rio Cricaré, o tempo de contemplação, etc. Ao me deparar com a manifestação do Ticumbi, fiquei encantada com o mundo mágico que ela me transportou através da ludicidade das flores

na cabeça, com os cantos entoados, e a herança cultural africana. A tradição que perpassa o Ticumbi se tornou mote de pesquisa plástica para meu trabalho artístico. Assim proponho uma imersão contínua com a delicadeza de se entregar ao momento do rito e/ou fantasia.

Menino com Flores II

Pastel oleoso sobre
papel canson A2, 120x80cm
2025



Douglas Gomes Silva

O vento não sopra apenas tecido, sopra discursos, como quem chama por um país sonhado, ou tomado. Entre rebocos, fiações e esquadrrias, as bandeiras tremulam não pela pátria inteira, mas pelo corte estreito de um projeto que se quis absoluto.

Sete imagens. Sete momentos em que a rua se torna palanque, a fachada: manifesto. A obra não captura apenas o pano; aprisiona o silêncio tenso da calçada, o olhar desviado, o ruído seco do tempo em que a cor da bandeira foi sequestrada. O símbolo nacional se ergue, repetido, intervindo nos corredores urbanos. Mas não há festa. Há uma sobreposição de vozes que não se escutam, há o eco de um Brasil que se esconde atrás do próprio emblema.

(brasil)EIROS é testemunho e pergunta: o que resta da bandeira quando ela deixa de ser de todos? E, sobretudo, como olhar para ela

sem carregar o peso de quem a tomou?

A cada fotografia, um corte no tecido imaginário da nação. A cada fachada, a lembrança de que o espaço público é também campo de disputa. O gesto de registrar é, aqui, ato de resistência: fazer do clique um respiro, do enquadramento um questionamento, do silêncio da imagem um grito contido.

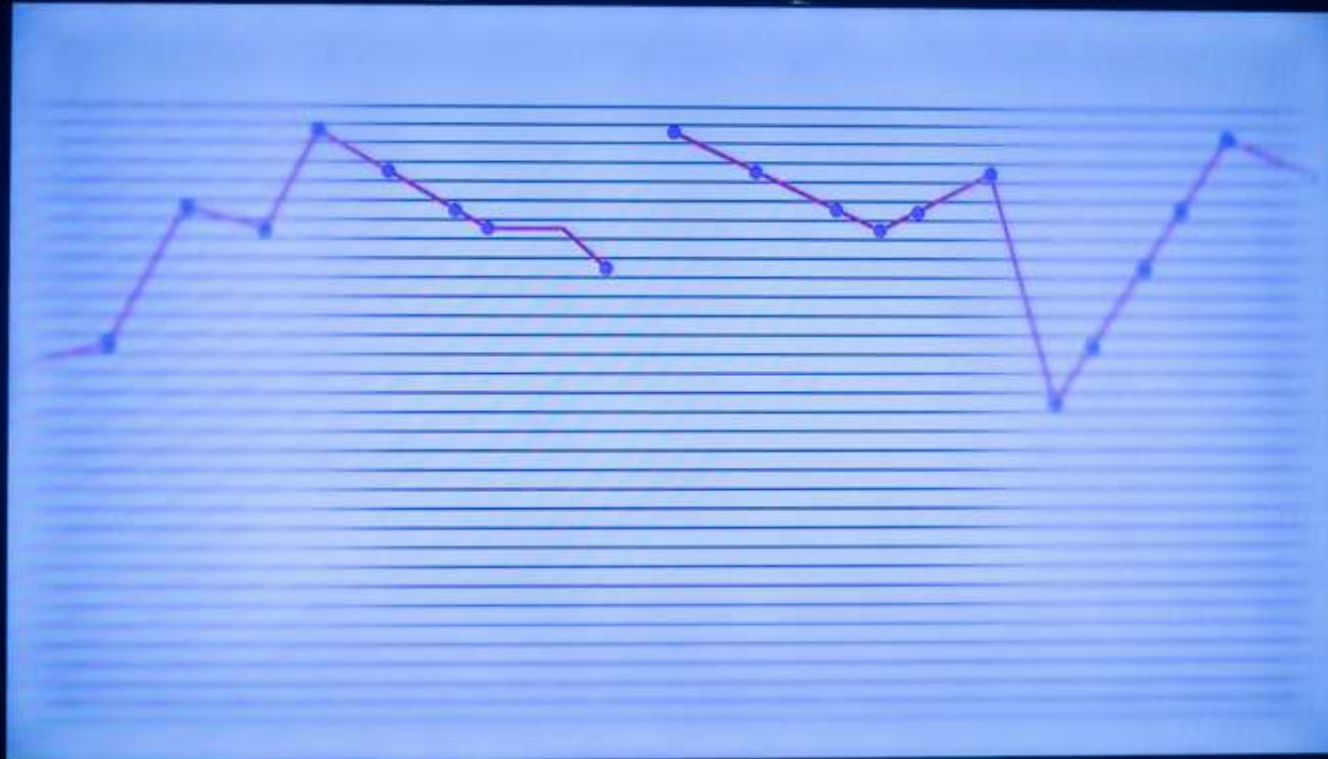
(brasil)EIROS

Fotografia impressa em papel fotográfico 180g em placa de PVC expandido 2mm, 7 unidades de 42x59,4cm. 2022





Gabriel Guerra, Eduardo Borém e Natácha de Souza



<https://drive.google.com/file/d/1sV8HokKk5om7IHUNxmPp1J1Xhf9k33MB/view?usp=sharing>

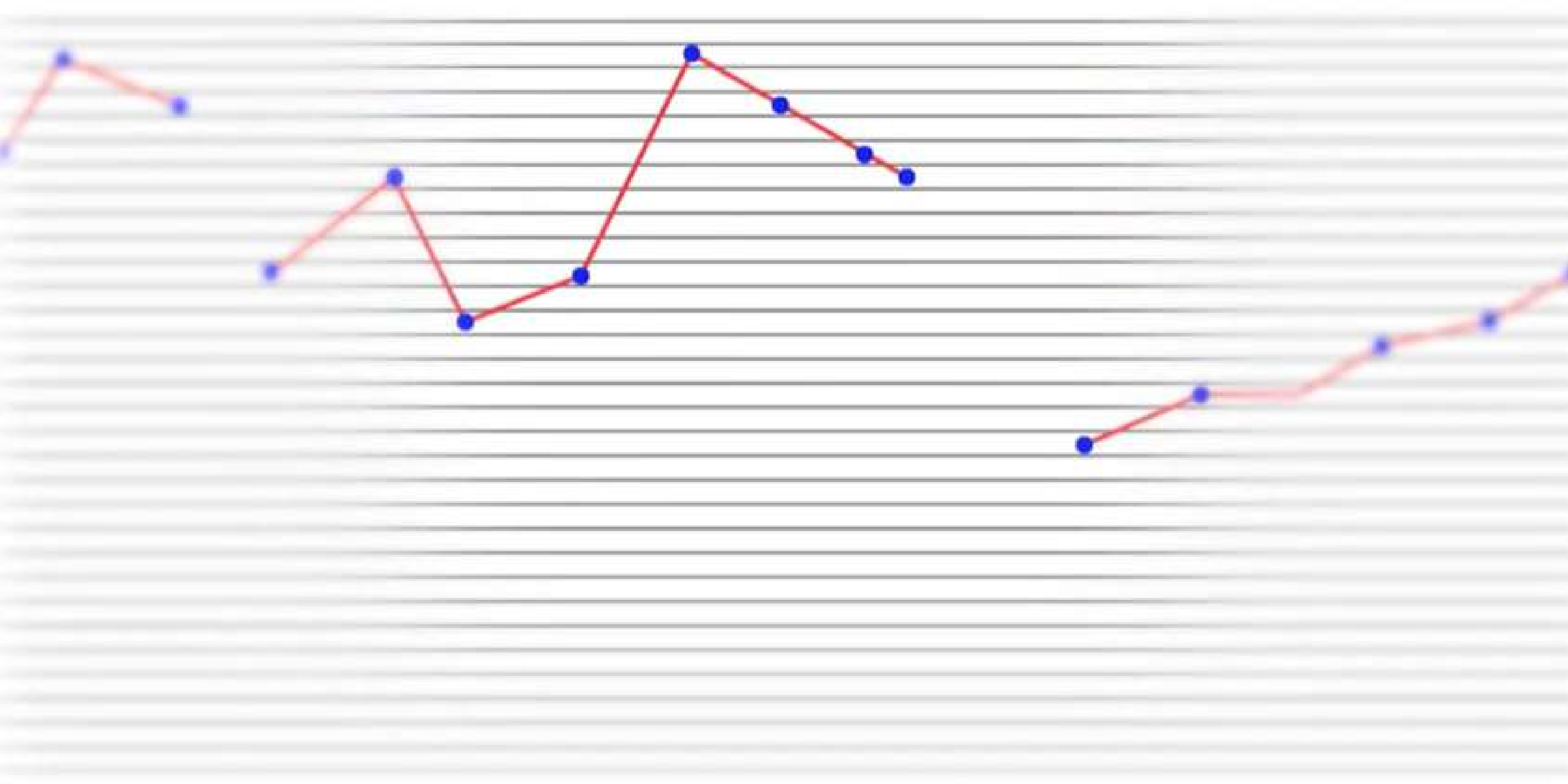
Inspirada nos diagramas desenvolvidos por Luiz Tatit, a obra em vídeo *Visualizações musicais: Ponteio – Insinuações à dança* propõe uma transcrição visual da sonoridade da composição homônima da capixaba Terezinha Dora Abreu de Carvalho (1936–2017), escrita para piano, clarinete e fagote. Até então inédita, a peça em questão foi gravada pela primeira vez no contexto da pesquisa de mestrado de Gabriel Guerra (PPGA/Ufes), sendo esse registro o mesmo que integra a faixa de áudio do vídeo.

Partindo do subtítulo da obra – “*Insinuações à dança*” –, a proposta investiga a presença de gestos musicais, compreendidos em sentido amplo, conforme Bernadete Zagonel (1992), que afirma: “o gesto possui um sentido físico, como elemento que efetua; mas também um sentido metafórico, que traz em si intenções estéticas e expressivas do artista”.

Nos moldes dos diagramas de Tatit, aqui cada espaço entre as linhas representa um semitom. Os pontos azuis indicam as notas ouvidas em sucessão, e as linhas vermelhas delineiam os contornos melódicos das frases musicais concebidas por Terezinha Dora. Essa visualização transforma os elementos sonoros em imagens, reconfigurando-os em gestos gráficos bidimensionais e sugerindo novas formas de escuta e leitura musical por meio da integração entre som, corpo e imagem.

***Visualizações musicais:
ponteio – insinuações à dança***

Vídeo Musical.
Dimensões: 1920x1080px (16:9),
mp4, 1'44"
2020



Geisa da Silva

Esta instalação reflete sobre os deslocamentos urbanos, as narrativas individuais e a construção coletiva do espaço. A projeção de um mapa sobre uma folha em branco convida os participantes a interagirem, desenhando seus próprios caminhos. Cada marca registrada na superfície se soma às demais, criando uma imagem com sobreposições, intersecções e vazios, uma cartografia que se transforma à medida que novos desenhos surgem. O ato de desenhar sobre o mapa projetado estabelece um diálogo entre o efêmero e o permanente, entre a imagem e o digital e o espaço físico vivenciado. A projeção funciona como um dispositivo transitório, trazendo territórios possíveis e reconfiguráveis, enquanto os traços físicos representam as marcas deixadas pelos corpos em movimento. A instalação questiona os mapas como instrumentos de

poder e controle, ao permitir que os participantes ressignifiquem o território. Os caminhos traçados podem ser concretos — ruas percorridas, trajetórias diárias — ou imaginários, evocando memórias, desejos e utopias espaciais.

**Quais caminhos você
desenha?**

Projeção sobre papel A1 e
canetinhas para interação,
59,4x84,1cm
2025



SOBRADIAS
Pantufreiras

BOM VISTA

MORADA DE
CARRETE
ALTA TUA TUA

TRONCO GROSSO

ENEP
Orlandina
de Almeida
Lucas
ODL

500s
PESTAS
na
UPES
DIA DA
DE LOS
AVERTOS

AMOS
CIZERAM
uma TAPPA
de ANTERSSON
MURMURA
PARA TUA TUA (2016)

DUFES

ARTES

daque
PI bar do
Máximo
tudo
abandonado

Restina CIA MOR
a dois

Pedra da
Cebola

D. Anis de CIBURU: INFANCIA

lasmim Dala

Composto por dois trípticos, Vórtice de Fios apresenta a evolução do tempo através dos gestos. Esses gestos oscilam entre o presente e o futuro, sendo constantemente reformulados e exigindo análises que acompanhem e participem dessa transformação. Propõe-se, assim, que o gesto carregue uma temporalidade singular, repleta de significados que ultrapassam o instante da ação, permitindo interpretações que consideram tanto o contexto quanto à intenção. Cada ponto se insere em uma trama maior, ainda em processo de finalização, e toda análise, para ser efetiva, precisa envolver-se nesse movimento oscilante, a fim de desvendar o enigma proposto.

***Vórtice de Fios- entre
gestos e linhas***

Fotografia, 25x35cm (cada)
2024





Inara Novaes



Onde o mar encontra a lua é uma fotografia que integra o projeto Linha D'água, no qual a artista Inara Novaes investiga encontros simbólicos entre corpo, memória e paisagem, especialmente em comunidades de foz.

Nesta imagem, o corpo é compreendido como território ancestral, potencializado pela indumentária, pelos adornos e pelo gesto de força e presença. Mais do que um registro visual, a fotografia articula poeticamente os fluxos da natureza e da história, em um trânsito entre o visível e o invisível, entre o sagrado e o cotidiano.

Por meio de uma estética que também é gesto político, a imagem reverencia as culturas populares tradicionais, como o congo capixaba, as matrizes afro-brasileiras e os imaginários que envolvem as entidades das águas.

Esses saberes atravessam o tempo, existem e resistem por meio da fé, dos ritos, dos tambores e dos corpos que mantêm vivas suas histórias e suas memórias.

Onde o mar encontra a lua

Fotografia, 60x84cm
2012



João Cóser



Espaço de Continuidade é uma ação performativa que emerge do desejo de costurar gestos e afetos no espaço público, por meio da presença e da escuta sensível. Realizada pela primeira vez em 2016, em frente à Assembleia Legislativa do Espírito Santo, a performance foi reativada nos anos de 2017 e 2018 durante o Festival Lacração (ES). Em 2025, a obra ressurge em formato de vídeo na mostra Estéticas em Trânsito, na Galeria de Arte e Pesquisa (GAP/UFES), reafirmando sua potência como gesto que tensiona as fronteiras entre arte, política e corpo coletivo.

Um corpo, um fio vermelho e o desejo de costurar o mundo. Espaço de Continuidade se desenrola a partir da presença do artista e de convidadas que, com novelos de lã vermelha, tecem relações espaciais e simbólicas no ambiente da intervenção. O gesto

têxtil é acompanhado por uma camisa ativadora — um dispositivo poético que convida o público à participação sensível e à escuta partilhada. A ação convoca afetos, memórias e vínculos entre corpos em trânsito. A “continuidade” a que o título se refere é essa linha invisível entre o dentro e o fora, entre o íntimo e o comum, entre o gesto e o outro.

Colaboração de Amanda Amaral (Fotografias); Kaíque Cosme (Performer Convidado) Rayza Santiago (Performer Convidado); Renato Ren (Performer Convidado); Textos e edição: João Cóser

Espaço de Continuidade

Vídeo, 8' 16'
2016 – 2025

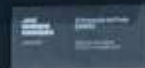


construa também um
espaço:
Pegue um fio, lince (ou não),
Construa

construa também um
espaço:
Pegue um fio, lince (ou não),
Construa

construa também um
espaço:
Pegue um fio, lince (ou não),
Construa

José Henrique Rodrigues



As monotipias presentes na série “A Invenção da Praia”, produzidas durante o outono de 2020 apresentam uma manifestação da impossibilidade de deslocamento do autor. Isto é, foram produzidas no auge do isolamento social, durante a pandemia da Covid-19. A percepção dessa impossibilidade de se deslocar e permanecer num dos locais de maior circulação da cidade natal do autor trouxe à tona a necessidade de repensar as relações com as cidades, com seus transeuntes e o espaço urbano e público. Os desenhos resultantes dessa elucubração prática foram feitos em páginas de livros destacadas de seu tomo original e destituídas de sua narrativa original, provocando um deslocamento de sentido entre o título da obra e o texto original do livro.

Assim, a série nos faz pensar sobre a coexistência entre linguagem escrita e linguagem visual: O que do desenho está impregnado no texto, e o que texto permanece nos desenhos.

Série “A Invenção da Praia”

Monotipia sobre papel de livro,
13,7x21cm (cada)
2022

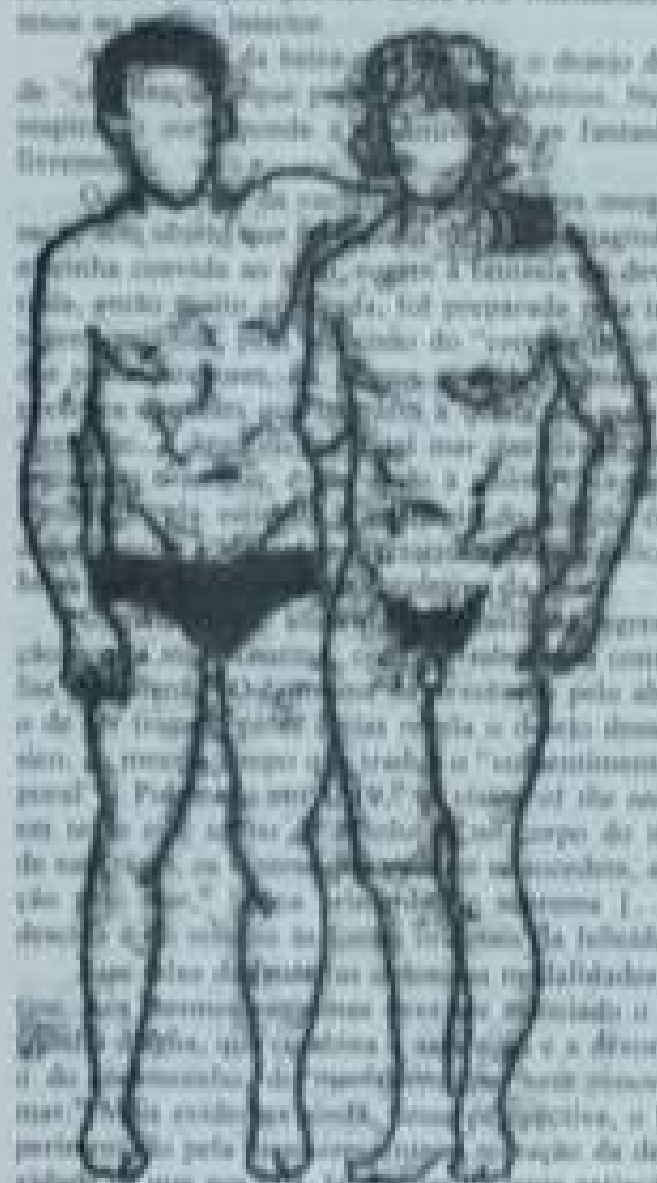
A INVERSÃO EM PRATA

O modo de aproveitar o mar, e utilizar devidamente as populações que frequentam suas margens, não resultam apenas do tipo, do nível da cultura, da sensibilidade própria do indivíduo. A maneira de usar o mar, a convivência entre maristas, os tipos de organizações, os tipos de ordenamentos de distribuição condicionam igualmente as modalidades de utilização do lugar. O emprego do tempo e o arranjo do espaço dependem pelas formas de sociabilidade que se organizam para dar acesso ao mar, à beira do mar, a gême das distrações, das passagens e das abrigações que daí resultam, coligam a sociabilidade marítima, por enquanto em processo. Cabe-lhes analisar o modo como uma certa vida social se concretiza, impulsiona pelo desejo de usufruir a beira-mar, a modo como antigas e modernas se reorganizam em função de seus novos objetivos.

A CATALOGUE OF THE PLANTS



colado da esquerda.⁸ Sem nenhuma referência à totalidade dos elementos reunidos, Friedberg impõe a mais poética das leituras da balneária. O objeto prende desde uma incoerente atenção por meio de

[illegible][illegible][illegible]

Jovani Dala

Há percursos que não se deixam capturar. Mapas que não cabem em fronteiras, rastros que persistem na ausência, linhas que se dobram sobre si mesmas, dissolvendo certezas e inaugurando outros possíveis, tramas que se formam no entrelaçamento de tempos e memórias. O díptico Cartografias invisíveis: Rastros e Conexões inscreve-se nesse território de fluxos errantes, onde o deslocamento não é ausência, mas pulsação. A obra se desdobra como pele de um espaço impreciso, onde vestígios e vazios dialogam na construção de um pertencimento que se refaz na confluência de histórias e territórios.

Esta obra se insere no contexto da exposição “Estéticas em Trânsito” ao propor um diálogo entre fluxos identitários e cartografias afetivas. Por meio da fusão de técnicas e linguagens, reflete sobre o entrelaçamento de culturas, memórias e deslocamentos que

definem a brasilidade como campo de múltiplos pertencimentos.

Assim, Cartografias invisíveis: Rastros e Conexões se desenha como um território de travessia, onde a identidade não se fixa, mas se reinscreve no gesto do deslocamento, um movimento contínuo que reverbera no espaço expositivo e na experiência do espectador.

Díptico cartografias invisíveis Rastros e Conexões

Aquarela e nanquim em papel
Montval, 24x32cm
2017





Lindomberto Ferreira Alves



Captação de imagem: Maria Ramos Gazel, Edição de imagem: João Cóser,
Edição de som: Matheus Dias

O trabalho foi concebido como uma intervenção urbana, registrada em vídeo, a partir do convite do projeto Carta aos Monumentos (PPGAV – UFBA), no contexto de realização do V Encontro Arte, Cidade e Urbanidades – (Des) envoltimentos Monumentais, em Salvador/BA.

Trata-se de um monumento simbólico em homenagem ao artista visual capixaba Marcus Vinícius (1985–2012). Mais do que amplificar a memória de seu legado, que marcou profundamente a cena artística de Vitória/ES, a obra reafirma a importância de celebrá-lo, dada sua potência em abrir brechas para insurgências poéticas e disputas simbólicas nas paisagens da cidade.

A ação teve como cenário a Avenida Beira-Mar, em Vitória, local diretamente relacionado a duas obras emblemáticas de Marcus:

“Território Expandido I – Ilha da Pólvora” e “Ocupação Urbana Experimental I [Beira-Mar]”, ambas de 2007. No lugar da escrita de uma carta, optou-se pela leitura pública do texto “O corpo – entre a performance e a arquitetura” (2011), de autoria do próprio artista, instaurando um elo poético entre as paisagens por ele tensionadas e o gesto atual de reinscrição de sua voz como matéria monumental.

Com isso, a obra propõe outra forma de monumentalizar: não pelo peso da pedra, mas pela reverberação crítica da memória, do afeto e da poética de Marcus Vinícius como forças vivas e presentes.

Monumento em Homenagem ao Marcus Vinícius

Vídeo, dispositivo Portátil,
Dimensões Variáveis, Widescreen
[cor], som, 7'44"
2024



Luciano Tasso



Este trabalho é resultado da junção de três acontecimentos simultâneos na minha vida: uma casualidade, uma prioridade acadêmica e a natural necessidade de expressar ideias e sentimentos.

A base de pedra pomes, sobre o qual esculpi Eros Psique, (na verdade um tijolo falso que servia de tampo para uma mesa) apareceu acidentalmente quando meu filho mais novo resolveu parti-lo ao meio. Guardei as peças imaginando que poderiam ser aproveitadas em algum momento.

A ideia logo surgiu quando precisei solucionar um problema que me afligia: inscrever uma obra para a mostra "Estéticas em Trânsito", vinculada à Ufes.

Uma vez que meu trabalho de pesquisa está centrado nos aspectos simbólicos das imagens

- o que envolve memória e sentimento - pensei em representar algo que de imediato traduzisse esses dois aspectos da percepção. Esculpidos em um mesmo suporte fragmentado, coração e rosto também simbolizam a dificuldade de sintonizar os dois órgãos do sentido que, segundo a poesia e a psicologia, disputam nossas escolhas na hora das decisões.

Eros Psique é, portanto, a consequência de um percurso pessoal, uma resposta às minhas pesquisas e uma casualidade.

Eros Psique

escultura em pedra pomes
34x29x16 (esquerda) , 28x29x16
(direita)
2025



Marcelo Gandini



Há territórios que não se firmam na terra. Há geografias que só se compreendem em movimento. “Coração do mar” emerge como cartografia líquida de afetos e deslocamentos, um território pulsante onde o corpo é também correnteza, e o gesto, aquirealizado por subtração da química do papel fotográfico, ecoa memórias que deságuam em múltiplas margens.

Na superfície da imagem, o mar não é apenas paisagem: é órgão vivo, vibração ancestral, matriz de travessias. A obra tensiona fluidez e abismo, o visível e o que se oculta sob as ondas, como se cada camada removida revelasse um corpo em trânsito, um pertencimento instável, uma identidade em constante mutação.

As linhas que se entrelaçam no centro da composição, coração feito de sal, azul e fúria,

convocam as narrativas que o mar abriga e afoga: memórias diaspóricas, afetos deslocados, subjetividades que se reinventam entre partidas e retornos. Neste fluxo, o mar é também arquivo, útero, fronteira e fenda.

Inspirada em perspectivas decoloniais que compreendem a identidade como negociação contínua e escuta radical, “Coração do mar” se inscreve na proposta de “Estéticas em Trânsito” ao evocar os corpos que se refazem na travessia. É no vaivém das marés e na erosão da matéria, que esta obra se escreve: não como afirmação, mas como pergunta.

Coração do mar

Negativo construído, desenho com caneta retro-projetor sobre base fotográfica, 20x40cm
2004



Romelho Contreiro

Vivemos um momento de ascensão da inteligência artificial e dos algoritmos, marcando o início de grandes transformações no conhecimento humano, e na arte não é diferente. Assim como ocorreu durante o surgimento da fotografia, quando se falava na “morte da pintura” por acreditarem que a nova tecnologia substituiria a necessidade da representação pictórica, hoje assistimos a uma nova ruptura.

Em meio a um cenário de alta tecnologia, a pesquisa artística revisita ideias do século XIX, traçando um caminho inverso: o retorno ao analógico e ao artesanal, valorizando a experimentação e a invenção. Parte desse processo envolve compreender o funcionamento das máquinas, explorando a câmera escura com diferentes suportes e materiais fotossensíveis, guiando-se pelos princípios da fotografia artesanal.

A câmara escura é um aparelho óptico fundamental para a invenção da fotografia no início do século XIX. Qualquer material pode servir como suporte para construir uma câmera escura, desde que vedado, com um minúsculo orifício em um dos lados, até mesmo uma casca de ovo. Assim, qualquer objeto se transforma em potencial suporte para a expressão artística. Esse é um processo fotográfico artesanal e analógico, realizado sem o uso de máquinas fotográficas convencionais. Utiliza-se apenas um ambiente oco, vedado de luz, com um “pequeno furo de agulha” e sem a presença de lentes, incorporando materiais fotossensíveis e os produtos necessários à revelação

Sem título

Fotografia Analógica, 5,5x4,5cm.
Suporte/material: Papel
fotossensível, casca de ovo, fita
isolante e alumínio
2017







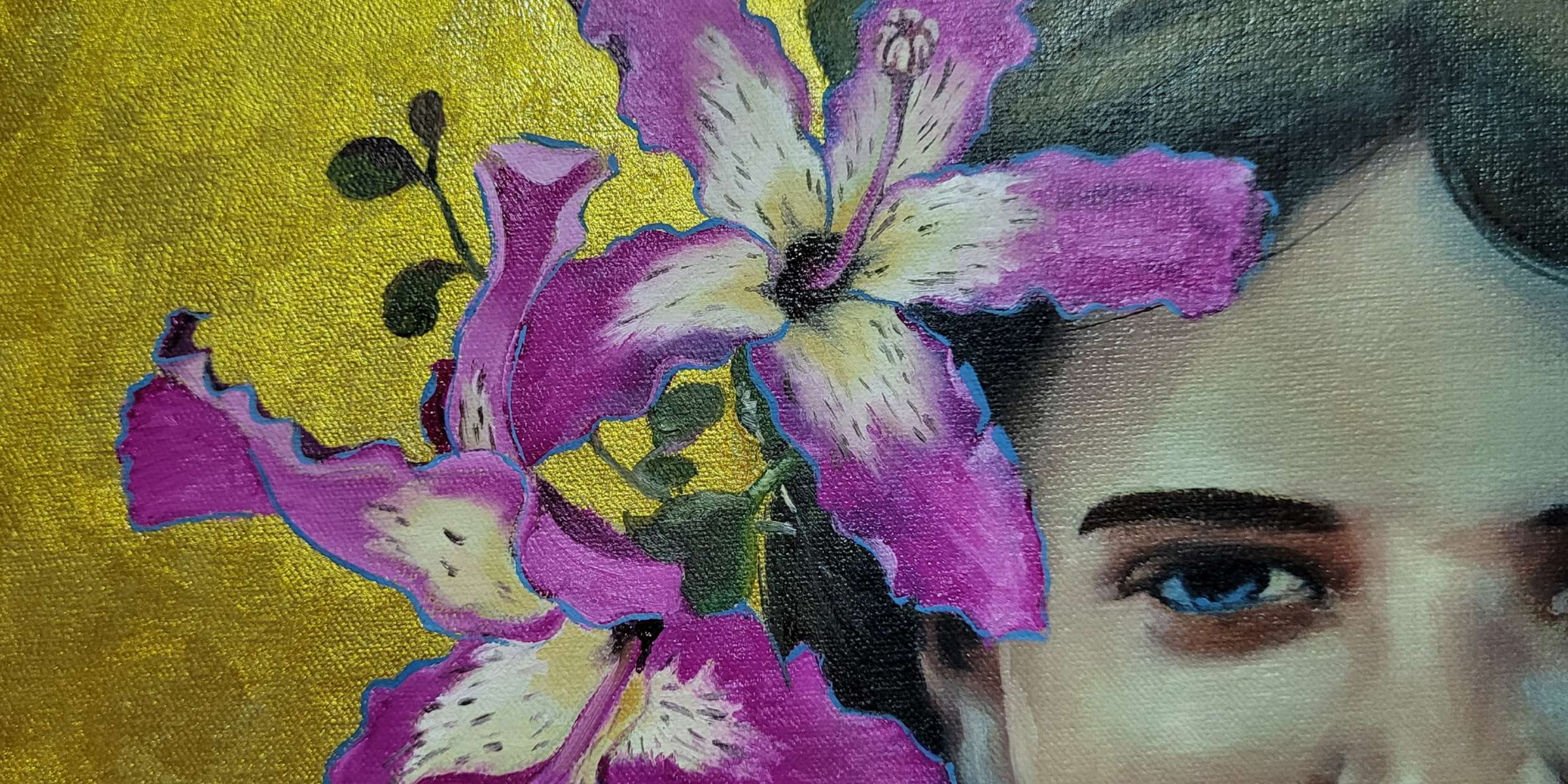
Rosely Kumm

A obra “Ecos de luz e silêncio”, é uma pintura, óleo sobre tela, que faz parte de uma pesquisa na qual a artista investiga possibilidades de representação estética para o silêncio – uma presença invisível que envolve todos os seres vivos, criando uma aura sutil que conecta e permeia o mundo ao nosso redor. O silêncio não se limita a ser apenas complemento da linguagem, ele é o próprio significado e está intrinsecamente ligada à percepção e a experiência das pessoas. Nesse sentido, a artista passou a refletir sobre aspectos comuns da vivência humana como a dor, a doença, o amor, a saudade... e busca formas de traduzir essas experiências silenciosas, aquelas que escapam a verbalização direta, mas que ainda assim são profundamente compreendidas.

Sua pesquisa busca expressar visualmente esses silêncios, não como um vazio ou ausência, mas como uma presença carregada de significados e emoções não ditas, presentes nas pequenas rupturas, nas lacunas e nos espaços em branco, entre o dito e o não dito. Assim, a artista encontra no silêncio um campo fértil onde o invisível se torna visível.

Ecos de luz e silêncio

óleo sobre tela, 50 x 80cm
2025



Sarah Rodrigues Damiani e Paula Barbosa

Como ver e fazer ver? Ao propor que a política se constitui a partir da maneira como o sensível é distribuído e compartilhado, Rancière (2009) nos convida a pensar uma arte política, aquela em que a experiência estética é alcançada como um campo de partilha de sentidos e percepções. Nesse sentido, o olhar se volta para uma percepção sensível sobre as margens do Rio Watu, popularizado como Rio Doce, em Colatina-ES.

Partindo do campo das interartes, o presente trabalho propõe novas leituras para a paisagem do Rio Watu, explorando os diálogos existentes entre a arte, o antropoceno e os modos de vida que tangem o rio. Para tanto, explora-se, como processo de criação, a intersecção entre a fotografia e a perna de pau. As duas linguagens convergem na extensão de perspectivas. Tanto a captura da fotógrafa como a da Perna são capazes de produzir novos sentidos, guiando o público leitor para percepções pouco exploradas. Essa partilha de olhares é lançada pela fotoperformance "Watu conta um

conto", realizada em nível da Ponte Florentino Avidos, viaduto que liga o Centro do município de Colatina-ES com o bairro São Silvano. Devido às "mudanças climáticas", este trecho se encontra com grandes bancos de areia, transformando o cenário natural em uma imagem de urgências.

Tendo em vista esta imagem de urgências, a proposta do trabalho criado é provocar diálogos entre três campos temáticos: a performance, a fotografia e a contação de histórias. Para tanto, interessa-nos lançar novos olhares que exploram a imaginação do leitor, associando símbolos, imagens e visualidades, pois como aponta Rancière: "É nesse poder de associar e dissociar que reside a emancipação do espectador, ou seja, a emancipação de cada um de nós como espectador"

Watu conta um conto

Fotoperformance e perna de pau
2024





Stela Maris Sanmartin



Pensar sobre o próprio processo de criação é tarefa difícil, no entanto, imprescindível para a construção do pensamento e da poética artística. Uma das molas propulsoras de meus processos de criação tem sido a sensibilidade ao meio ambiente, em particular a natureza. Ando atenta e, nos passeios, sempre encontro “algo” que poderá servir. Ora um pedaço de madeira, ora um inseto, uma planta, uma pedra, um ninho e assim a coleção de matérias/ideias vai aumentando. A identificação com determinados materiais naturais é muito forte e percebo que alguns deles estão fincados na memória por meio de relações afetivas advindas de situações vividas. Outro caminho promissor do processo criação é materializar as ideias advindas de imagens mentais. “Vendo” e “experimentando mentalmente” determinadas combinações de formas, materialidades e procedimentos para alcançar o resultado visualizado. As formas do mundo cotidiano, que sinto necessidade de apresentar plasticamente, nascem de lembranças do passado resgatadas pela memória, do presente recriadas pela imaginação, de intuições ou imagens do inconsciente que desvelam ‘futuros’

inventados pela fantasia. Os trabalhos apresentados na exposição “Estéticas em Trânsito” tiveram como ponto de partida a proposta EUPLANTA, uma analogia entre uma flor e o si mesmo. O método criativo Analogia Inusual busca estabelecer relações entre elementos diferentes para encontrar semelhanças e, estas conexões incomuns, geralmente, permitem encontrar ideias novas muito bem vindas aos processos criativos. A partir dessa proposição escolhi intuitivamente a azaleia e pesquisando sobre a planta descobri que ela é a flor símbolo da cidade de São Paulo. Me identificando com a flor, pois sou paulistana, fiz muitos desenhos em nanquim. Alguns foram aquarelados e, os desenhos que apresento nesta mostra, foram compostos por meio de colagens com embalagens, guardanapos e revistas, evidenciando o “trânsito” entre diferentes procedimentos técnicos para a construção poética.

**Borboletas, aromas,
camélias e lobo**

Desenho, colagem, 25x34cm, 37x37cm
2024-2025



Vivian Siqueira

A instalação propõe uma reflexão sobre a relação do corpo com a paisagem em constante transformação. No centro, uma placa branca com a silhueta de um corpo em negativo repousa sobre um monte de serragem, sugerindo a presença humana e, ao mesmo tempo, sua ausência. Essa escolha de materiais carrega simbolismos: a serragem, resto de madeira desfeita, evoca a ideia de ruína e desgaste, enquanto a placa evidencia a marca que o corpo deixa no mundo.

A obra aponta para um ciclo inevitável de mudança, no qual nada permanece intacto. A paisagem se constrói e se desfaz continuamente, e o ser humano, longe de ser apenas um observador, participa ativamente desse processo. Sua intervenção molda, transforma e, muitas vezes, destrói.

O vazio esculpido, mais do que um espaço em branco, se torna um lembrete das ausências e perdas provocadas por nossas ações, mas também um espaço para imaginar novas possibilidades.

Assim, a instalação não se limita a representar um corpo ou uma paisagem arruinada; ela questiona a responsabilidade humana nesse cenário. Somos autores e testemunhas da transformação, e a obra nos convida a pensar sobre o que deixamos para trás, e sobre o que ainda podemos reconstruir.

Paisagem em Ruínas

Instalação
Caixa negativa de gesso, tinta de
argila e serragem, 130x80x30 cm
2024



Estéticas em Trânsito

Qual é o caminho do seu caminho? O espaço educativo da exposição *Brasilidades: raízes culturais e caminhos para o futuro* propõe uma interação em torno das memórias de cada visitante, convidando-o a realizar uma intervenção no espaço. Teias emaranhadas são postas às vistas do público, formando um corpo traçado de perguntas e provocações. A partir de linhas de costura nas cores verde, amarelo, azul, preto e vermelho, o público é indagado a traçar caminhos, costurar lembranças, remendar memórias e escrever seus afetos.

Os dispositivos pedagógicos foram pensados para potencializar a experiência sensível do visitante após o percurso expositivo, promovendo o entrelaçamento entre suas trajetórias subjetivas e as poéticas dos artistas presentes na mostra. Nesse sentido, a ação educativa se forma pela percepção dos espaços internos e externos, aproximando a leitura dos trabalhos às ressonâncias registradas entre as linhas coletivas da instalação.

Paula Barbosa, Sarah Rodrigues Damiani
Educativo



QUAL É O TRAÇO QUE VOCÊ NUNCA FEZ?

TEMPO
É
ARTE

LONGE DOS
DOGMAS
NO PRESENTE
INDECIFRÁVEL

QUANDO VOCÊ APAGA PARA SEGUIR EM FRENTE?

Um desconhecido


QUANDO DESISTE DE SI MESMO?

Eu mesma :)



RECORDEI AQUELA VEZ QUE ALGUEM
Disse que deveria ser
uma coisa mais
melhor para...

QUAL É O TRAÇO QUE VOCÊ DESLIGOU DAVIDSON?



EU NÃO
SEI ESTATO
AL

QUAL É A LINHA QUE VOCÊ NUNCA ACHAQUEI?



QUAL É A LINHA QUE VOCÊ NUNCA ACHAQUEI?

Um universo
indecifrável.

P.V.

QUAL É O TRAÇO QUE VOCÊ NUNCA ACHAQUEI?





Estéticas em Trânsito

Choro e Identidade Brasileira

Na apresentação realizada como parte da programação, os músicos Samuel Costa (bandolim) e João Victor Chequetto (violão de seis cordas) ofereceram ao público uma leitura refinada do choro brasileiro, gênero central na construção da identidade musical do país. Com um repertório dedicado a choros clássicos, a dupla destacou a riqueza melódica e rítmica do estilo, ressaltando sua importância histórica e cultural. A performance evidenciou a capacidade de comunicar, por meio da música, o espírito criativo e popular que caracteriza o choro desde suas origens no Brasil urbano do século XIX. Uma proposta para refletir sobre o papel do choro como patrimônio imaterial, reafirmando sua relevância no cenário contemporâneo e seu lugar na memória afetiva e artística brasileira.

Repertório:

Receita de samba (Jacob do Bandolim)

Noites Cariocas (Jacob do Bandolim)

Chorinho de gafeira (Astor Silva)

Carinhoso (Pixinguinha)

João Victor Chequetto, Samuel de Oliveira Costa
Apresentação musical





ISBN: 978-65-987850-1-7

CDL



9 786598 785017



EDITORA
**RIZOMA-
ESCRITA**